

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação

Rafaele Teixeira Lima

**PROJETOS DE MÚSICA EM BIBLIOTECAS PARQUE: estudo da relação entre
biblioteca, música e cultura**

Rio de Janeiro

2014

L732p Lima, Rafaela Teixeira.

Projetos de música em Bibliotecas Parque: um estudo da relação entre biblioteca, música e cultura / Rafaela Teixeira Lima. – Rio de Janeiro, 2014.

32 f. : il. 7,5 cm.

Orientador: Robson Santos Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Bibliotecas públicas. 2. Música. 3. Educação I. Costa, Robson Santos. II Título.

CDD: 021.78

Rafaele Teixeira Lima

**PROJETOS DE MÚSICA EM BIBLIOTECAS PARQUE: estudo da relação entre
biblioteca, música e cultura**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Robson Santos Costa

Rio de Janeiro

2014

Rafaele Teixeira Lima

**PROJETOS DE MÚSICA EM BIBLIOTECAS PARQUE: estudo da relação entre
biblioteca, música e cultura**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em:

Prof. Robson Santos Costa
Mestre em Memória Social
Orientador

Prof.^a Ana Senna
Mestre em Ciência da Informação
Professor convidado

Prof. Antônio José Barbosa de Oliveira
Doutor em Memória Social
Professor convidado

AGRADECIMENTOS

“Eu sei, todo ser humano pode ser um anjo” Camelo, Marcelo.

Este verso carrego comigo e sua validade tornou-se concreta durante esta jornada de graduação, muitos “anjos” me ajudaram a percorrer este caminho. Primeiramente agradeço aos meus pais e irmã, que me deram todo o apoio moral e o conforto familiar em todos os momentos. Ao Vitor, meu parceiro de caminhada que sempre esteve ao meu lado nas minhas decisões. Ao meu orientador Robson Costa pelas suas correções e paciência, aos professores Antônio José Barbosa de Oliveira, Mariza Russo, Ana Senna, Cristina Paiva, Nadir Alves e Robson Costa que me proporcionaram o prazer e o conhecimento no projeto Embarcando na leitura para a Ilha de Paquetá. Agradeço aos amigos de grupo, aos profissionais dos estágios que passei e em especial ao professor José Henrique Moreira e a equipe do Sistema Universitário de Apoio Teatral que somaram a minha graduação um conhecimento que talvez eu não tivesse contato fora dos muros desta universidade.

Por fim, a Universidade Federal do Rio de Janeiro é uma grande mãe e serei grata eternamente à Deus, ao universo e ao destino por tê-la em minha história.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Aula de saxofone na Biblioteca Parque de Manguinhos.....	23
FIGURA 2 - Aula de pandeiro na Biblioteca Parque de Manguinhos.....	23
FIGURA 3 - Cartaz-convite da Roda de Choro na Biblioteca Parque de Manguinhos..	23
FIGURA 4 - Roda de choro realizada no dia 04 de maio de 2014	24
FIGURA 5 – Cartaz 100 anos: Vinicius de Moraes.....	24
FIGURA 6 – Cartaz Tem tudo até livro.....	26

LIMA, Rafaela Teixeira. **Projetos de música Bibliotecas Parque: um estudo da relação entre biblioteca, música e cultura.** 2014. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Resumo

A pesquisa mostra uma observação dos projetos de música realizados nos espaços das bibliotecas e pretende analisar sua atuação como instrumento de transformação social e cultural. O estudo tem caráter descritivo qualitativo e tem por análise os projetos de música feitos em bibliotecas-parque do Rio de Janeiro, estabelecendo uma relação dialógica entre biblioteca, música e sociedade. Neste âmbito, a biblioteca é apresentada como um local aberto à expressão das artes e que a partir do desenvolvimento dos projetos de música, pode ser vista como transformadora da estrutura cultural e social, mantenedora das relações de força e das relações simbólicas entre as classes, ao mesmo tempo em que as subvertem. Trabalharemos questões relativas a biblioteca do século 21, à cultura e à música compreendida como produção popular e intelectual de uma época. Analisaremos o diálogo entre cultura e sociedade a partir da concepção de Geertz e Bourdieu e a relação de ambas com o uso da música na biblioteca – compreendida como uma instituição social. Finalmente apresentaremos uma reflexão sobre os projetos de música nas bibliotecas e sua eficiência como um instrumento de transformação do sujeito.

Palavras-chave: Biblioteca. Biblioteca Pública. Música.

Abstract

This research intends to show some music projects undertaken in areas of libraries and intends to analyze its role as an instrument of social and cultural transformation. The study is a descriptive and a qualitative analysis of the projects made in the "Biblioteca Parque do Rio de Janeiro", establishing a dialogic relationship between library, music and society. In this context, the library is presented as an open expression of the local arts and a area for the development of music projects, can be seen as spawning the cultural and social structure, maintainer of power relationships and symbolic relationships between classes . This work issues the library of the 21st century, culture and music understood as ` popular and intellectual production of an era . Also intends to analyze the dialogic between culture and society from the conception of Geertz and Bourdieu and both related to the use of music in the library - as a social institution. Finally we present a reflection on music projects in libraries and its efficiency as an instrument of transformation of their users.

Keywords : Library . Public Library . Music .

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 JUSTIFICATIVA.....	10
3 METODOLOGIA.....	12
4 NOVOS PARADIGMAS DA BIBLIOTECONOMIA: DO SUPORTE À INFORMAÇÃO.....	13
4.1 PERÍODO HISTÓRICO: ANTIGUIDADE.....	13
4.2 IDADE MÉDIA.....	14
4.3 MODERNIDADE.....	15
4.4 SÉCULO XXI.....	15
5 A BIBLIOTECA PÚBLICA BRASILEIRA: ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	17
6 CULTURA, INFORMAÇÃO E MÚSICA: UMA ANÁLISE DA INSERÇÃO DO SOM NAS BIBLIOTECAS PARQUE.....	21
7 CONSIDERAÇÕES.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Podemos dizer que o fenômeno da chamada sociedade da informação é oriundo do século XX. Entretanto, no cenário contemporâneo do século XXI, as transformações culturais, sociais e econômicas, nas mais diversas esferas, continuam a ocorrer possivelmente, de forma mais rápida e intensa do que no século anterior. A biblioteca como instituição relacionada à memória e à ciência pretende acompanhar tais transformações. Os usos das novas tecnologias e dos novos meios de informação e comunicação apresentam-se como um caminho para a atualização necessária dessa mudança, surgem novos espaços de interação, novas propostas de acesso à informação e diferentes práticas na biblioteca. O presente trabalho pretende apresentar uma nova tendência de projeto praticado no espaço das bibliotecas que ainda carece de um estudo e de uma fundamentação mais profunda.

Embora na atualidade nem todos sigam essa característica, a biblioteca ainda é comumente identificada pela maior parte da sociedade, como um espaço de silêncio. Todavia alguns projetos tendem a alterar cada vez mais essa suposição. A música é um dos caminhos escolhidos para tal por se caracterizar como um recurso que contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional do ser humano (MELO et al., 2009)

Os projetos que envolvem música e a biblioteca procuram valorizar as formas de expressão humana e costumam agir a favor do acesso livre a informação e ao conhecimento. É ainda importante destacarmos o papel da biblioteca, que busca o diálogo entre os seres plúrais e o crescimento do indivíduo através do combate à exclusão informacional, como uma instituição disseminadora do conhecimento em seus diversos formatos, contribuindo para o desenvolvimento comunitário em um espaço onde a prática da cidadania acontece de forma positiva (SUAIDEN, 1980).

2 JUSTIFICATIVA

A Biblioteconomia como ciência que pretende analisar as fontes de informação, produção e organização do conhecimento, bem como suas formas de disseminá-los, tem a necessidade de acompanhar as mudanças sociais para a efetividade de sua função. No contexto atual, a biblioteca tem adquirido diferentes ferramentas e formas de comunicação com o propósito de uma maior aproximação com seus usuários, oferecendo serviços além de suas práticas tradicionais de catalogação, classificação, guarda e disponibilidade de documentos.

Podemos caracterizar parte destes novos eventos de ação cultural, como é uma atividade que possui um caráter informativo, complementar e lúdico, que se viabiliza como um canal de comunicação entre a obra e o sujeito para que este construa de forma livre a significação da manifestação cultural da qual participa (COELHO NETO, 1988). Portanto, a partir das reflexões sobre a ação cultural em bibliotecas, este trabalho pretende verificar como a música age como um aspecto desta ação que vem ocorrendo em bibliotecas, em que abordagem ela se encaixa. Cunha (2010) afirma que as atividades culturais são uma forma de atividade simbólica e sociopolítica, que é realizada a partir de projetos organizados pela sociedade civil. Essas atividades podem ser entendidas como uma extensão social da cidadania e dos saberes populares conjuntamente aos valores da diminuição das desigualdades culturais; à abertura de espaço para novos talentos; à análise das ideologias; experimentação e despertar de novos interesses; à formação de públicos e, por fim, à recuperação de registros históricos. A biblioteca entraria neste contexto, apresentando-se como um lugar que tem acervo e espaço para este tipo de atividade, além de ser aberta a todos.

Desse modo, o estudo dos eventos musicais praticados no espaço das bibliotecas, com o objetivo de utilizar esses projetos como uma forma de ressignificação, não somente do público, mas da identidade da “instituição biblioteca” e do fazer bibliotecário, mostra-se como um campo fértil e relevante de estudo para a Biblioteconomia e as Ciências Humanas. Outro fator relevante é a escassez de trabalhos científicos com esta temática. Até o presente momento não foi encontrada nenhuma pesquisa referente a *performance*

*musical*¹ em bibliotecas. A proposta desta pesquisa é fruto de um interesse pessoal no assunto e da observação de que há pouca literatura científica específica no que concerne ao tema da música nas bibliotecas, embora tais projetos sejam abordados em determinados artigos sobre ação cultural. Esses projetos e o estudo dos mesmos apresentam uma quebra de paradigmas, representada pela ruptura do silêncio nos espaços internos da biblioteca marcado pela transformação do espaço de leitura em um local de manifestação musical.

As indagações sobre o tema então surgiram: por que projetos de música dentro da biblioteca? Qual a finalidade e a intenção destes eventos musicais? Com vistas a encontrar as respostas, tais problemas impulsionaram esta pesquisa de cunho descritivo qualitativo.

Assim sendo, acreditamos que projetos musicais de extensão cultural no espaço das bibliotecas podem ocasionar variadas transformações socioculturais. A partir da reflexão sobre os conceitos de cultura, biblioteca do século XXI e música, analisaremos o porquê da utilização de projetos que envolvem a linguagem musical no espaço de diferentes bibliotecas e verificaremos como os projetos podem acarretar ressignificação no papel tradicional das bibliotecas em relação aos seus aspectos sociais e culturais, pretendendo-se elucidar o que está em pauta ao veicular tais projetos no local institucional chamado biblioteca.

As bibliotecas escolhidas para a análise, foram duas bibliotecas-parque da cidade do Rio de Janeiro; a de Manguinhos e a Estadual. A idéia de utilizar as bibliotecas-parque, é devido à sua proposta, pois apresentam um espaço dinâmico e multifuncional de acesso a informação. Outro ponto é a localização destas bibliotecas, uma foi construída na comunidade de Manguinhos e a Biblioteca Estadual na Avenida Presidente Vargas, uma das principais vias do centro da cidade. Tendo em vista as diferenças de locais onde estão inseridas, espera-se que esta especificidade contribua para a análise e comparação dos projetos musicais que acontecem em cada um destes espaços.

¹ Performance musical é quando a música passa do suporte informacional para sua execução prática, através do canto ou toque de um instrumento musical. (Kerman, 1987)

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta-se em forma descritiva, num primeiro momento através de uma revisão bibliográfica que pretende abordar os conceitos de biblioteca com a perspectiva histórica dos autores Milanesi (1988) e Martins (2002). No capítulo 4 faremos uma análise das características da biblioteca do século XXI sob o olhar de Targino (2010).

No capítulo 5, abordaremos reflexões sobre a história da biblioteca brasileira a luz das obras de Emir Suaiden, onde ele mostra uma visão retrospectiva da biblioteca pública brasileira (SUAIDEN, 1980) e a mesma no contexto da sociedade da informação (SUAIDEN, 2000). Seguindo depois para as definições de Cunha (1995), Dowining (2002) e Cotta (1998) para caracterizar a atividade musical na biblioteca.

Apresentaremos, por fim, um breve ensaio acerca dos estudos sobre cultura que são a base para a compreensão das ações culturais realizadas na biblioteca. Para isso, utilizamos obras de Bourdieu (1987) e Geertz (1978) para a delimitação da cultura e posteriormente a análise do resultado das observações, de modo a estabelecer de que modo os projetos de música se relacionam com as atividades de cultura e o papel da biblioteca e de como vem sendo realizada essa mediação na Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro e na Biblioteca Parque de Manguinhos.

4 NOVOS PARADIGMAS DA BIBLIOTECONOMIA: DO SUPORTE A INFORMAÇÃO

A Biblioteca, segundo Buonocore (1976) tem em seu sentido etimológico um local de “guarda e custódia dos livros”, dentre suas funções é um lugar responsável principalmente em preservar, atualizar e divulgar uma coleção. Porém, seu objetivo vai além dessas funções, a biblioteca também atua como mediadora entre o conhecimento registrado e os usuários através da produção de bens culturais (MILANESI, 1988). A compreensão deste espaço hoje em dia, não pode dissociar-se de sua história e do meio social, econômico e cultural que foram os alicerces de seus paradigmas. Apresentamos a seguir um breve ensaio sobre a história das bibliotecas, resultado de uma investigação bibliográfica que pretende apresentar um panorama desta história.

4.1 Período histórico: Antiguidade

A história das bibliotecas antecede a história do livro, ela nasce com o registro da informação estabelecida na prática de reportar a história oral para o material escrito. Tomemos como exemplo a prática dos sumérios e babilônios que inventaram as inscrições cuneiformes. Elas foram inscrições pictográficas e ideográficas feitas com um estilete em placas de argila, onde tais documentos possivelmente tinham principal função de guardar e transmitir conhecimento. A escrita cuneiforme é considerada a forma de registro mais expansiva da história Antiga, segundo Milanesi (1988): “[...] o conjunto dessas placas de argila pode ser entendido como uma biblioteca [...]”.

Com o advento do pergaminho, do papiro e posteriormente do papel, verifica-se um significativo avanço em suportes de registros, onde as propostas destes objetos físicos visavam à ação de concretização do conhecimento e a possibilidade de preservá-lo. Com esta produção de documentos, ocorre então a formação de acervo. Na antiguidade, as primeiras bibliotecas eram destinadas, geralmente, a funcionarem como depósitos de livros, a fim de abarcar todo o conhecimento e guarda-lo, não apresentando interesse na difusão da informação contida naqueles documentos. Em seus acervos, coexistiam os rolos de papiro, as folhas de pergaminho, os códices e o papel (MARTINS, 2002). Dentre as mais importantes Bibliotecas da Antiguidade pode-se citar a famosa

Biblioteca de Alexandria, a de Nínive e a de Pérgamo. Poucos registros bibliográficos resistiram ao tempo devido a fragilidade dos suportes físicos.

4.2 Idade Média

Posteriormente, na Idade Média, a censura e o controle fizeram com que o conhecimento documentado estivesse em sua maior parte ligado a igreja. Surgem as Bibliotecas Monásticas, construídas dentro dos conventos e monastérios, com acesso restrito ao clero e a poucos nobres. Com acervo constituído em sua maior parte de manuscritos, a reprodução destes itens era realizada por monges copistas dentro dos *scriptorium*, onde eles se refugiavam “para ler, ilustrar e copiar todo e qualquer manuscrito que chegasse ao seu poder” (RUSSO, 2010, p.45).

Nesta perspectiva, a biblioteca permanece como lugar de silêncio e estudo até o fim da Idade Média permitindo uma interpretação mais incisiva e apresentando-se mais como um lugar “[...] onde se esconde o livro do que o lugar de onde se procura fazê-lo circular ou perpetuá-lo. A própria disposição arquitetônica dos edifícios demonstra[...]” (MARTINS, 2002). O autor, quando fala sobre a arquitetura das bibliotecas monacais, ressalta que até mesmo o acesso aos manuscritos era difícil ao referir-se à localização do acervo destas bibliotecas, que segundo Araújo (2008) geralmente eram guardados em armários dispostos nas sacristias ou capelas.

É durante a Idade Média, no período de transição para o Renascimento, que surgem as bibliotecas laicas e a Imprensa de Gutenberg. Com o aparecimento da imprensa, as publicações multiplicam-se, permitindo que o livro chegasse à publicação em série. Consequentemente ocorre à difusão de conhecimento a um número maior de pessoas. Saindo dos conventos, as bibliotecas “deixam de ser tesouros para se tornarem serviços e os livros perderam seu valor material para se tornarem material de consumo. ” (MILANESI, 1988, p.21).

Com a eclosão da Revolução Francesa e a promulgação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, o acesso a informação ganha maior expansão. Suaiden (1980)

afirma que tal documento “como um direito inalienável do homem, o livre acesso as fontes do saber” é o que dá impulso à biblioteca moderna.

4.3 Modernidade

A modernidade é lembrada por descobertas científicas e por tornar as mudanças mais aceleradas, atingindo principalmente o *modus operandi* social. Um marco na história das bibliotecas foi durante o final do século XIX e no início do século XX, devido às transformações causadas pela Revolução Industrial. Sobre este período, Milanesi (1988) explica:

A biblioteca/museu deixou de ser a única possibilidade enquanto coleção pública, passando a existir a biblioteca/serviço, oferecida ao público. Essa tendência foi se espalhando no rastro da expansão do operariado: a nova biblioteca tinha uma determinada função educativa, caracterizando-se como um presente filantrópico que se dava aos segmentos populares, os mais necessitados de ilustração. Posteriormente, no limiar do século XX, sobrepondo-se a ideia de biblioteca como uma forma de organização do saber, delineou-se para ela uma nova função: sistematizar o acesso as informações. (MILANESI, 1988, p.22)

Ainda segundo o autor, a busca de informação tornou uma necessidade casual da vida moderna. Isso mostra que nesse período a biblioteca é vista como o local mais adequado para adquirir informação, uma vez que ela é colocada como provedora de desenvolvimento científico e tecnológico. É também neste cenário que as bibliotecas universitárias ganhavam seu espaço, pois nesse período houve um crescimento na construção de prédios próprios para estas bibliotecas, visto que nos países desenvolvidos o sistema escolar era a base para o empreendimento científico.

4.4 O século XXI

Como uma forma de evolução do espaço da biblioteca e inserção de novas práticas aos serviços do bibliotecário, a biblioteca do século XXI é um marco não apenas das novas descobertas científicas e tecnológicas do século anterior, mas também marcada por um novo conceito deste local (TARGINO, 2010). As tarefas tradicionais de serviços de

referência, catalogação, desenvolvimento de coleções e uso dos espaços da biblioteca foram reconfigurados para uma demanda social de usuários mais exigentes.

A disponibilidade de serviços que utilizem a tecnologia da informação, dentre eles, referência online e participação em redes sociais, consolida a participação de usuários de forma mais significativa, possibilitando a ocorrência de mudanças técnicas e práticas de forma mais efetiva, com a inclusão de novos vínculos sociais a fim de abarcar os aspectos subjetivos aos serviços convencionais inerentes a este espaço.

Neste contexto, o espaço da biblioteca vai muito além de um simples local feito para a leitura e empréstimo dos livros. Esse espaço apresenta-se como um local aberto para novas práticas, muito mais permissivo e abrangente. As novas atividades aparecem com a exibição de filmes, saraus poéticos, debates e apresentações musicais. Como afirma Targino (2010):

São iniciativas para consolidar a mudança de paradigma do acervo para a informação, do suporte físico para a informação, em que a biblioteca tradicional dá lugar à biblioteca ação cultural: o importante é suprir as demandas do usuário, de imediato, não importa o suporte ou a localização física da informação, o que encontra equivalência no paradigma cognitivo associado ao social. Isto é, a idéia de objetivação da informação, quando se atribui significados em consonância com as demandas dos indivíduos, leva em conta tanto o repertório cognitivo de cada um como o contexto no qual está imerso. (TARGINO, 2010, p. 42)

Nesse ponto, entendemos mudanças do suporte físico para a informação como um meio de transmiti-la de diferentes formas. O que podemos caracterizar como uma ferramenta é a ação cultural, um diferente canal de transmissão de informação e cultura, mais atraente e proativa.

5 A BIBLIOTECA PÚBLICA BRASILEIRA: ANÁLISES E DISCUSSÃO

Neste capítulo faremos um estudo da biblioteca pública brasileira, a fim de analisar tais mudanças de paradigmas nesta biblioteca e na sociedade, direcionando a discussão para o tema deste trabalho.

O primeiro registro de uma biblioteca pública no Brasil, foi no ano de 1811, na Bahia. A Biblioteca Pública da Bahia teve sua criação realizada por incentivo dos cidadãos e foi sediada no Colégio dos Jesuítas. Após este passo, outras bibliotecas públicas foram criadas, como a Biblioteca Pública do Maranhão em 1829 e a Biblioteca Pública do Estado de Sergipe em 1848, porém a maioria foi criada “sem possuir sede própria” (SUAIDEN, 1980). Um marco na história destes espaços, foi em 1926 com a criação da Biblioteca Municipal Mario de Andrade, no centro de São Paulo e não só pelo tamanho e destaque mas por ter umas das primeiras bibliotecárias como diretora. Posteriormente, em 1977, foi criado o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, coordenado pelo Instituto Nacional do Livro. O objetivo geral deste sistema foi:

Colocar à disposição dos usuários, bibliotecas públicas racionalmente estruturadas, favorecendo a formação de hábitos de leitura e estimulando a comunidade a acompanhar o desenvolvimento sociocultural do País. (SUAIDEN, 1980, p.12)

Neste contexto, vemos que a Biblioteca torna-se responsável pelos hábitos de leitura e pelo acesso ao patrimônio cultural do país. É importante salientar que o Brasil teve de forma mais marcante, o rádio e posteriormente a televisão para a veiculação de histórias e que grande parte da população durante a República Velha e Primeira República era composta por analfabetos (SUAIDEN, 2000).

A biblioteca, portanto, não possuía um poder de atração por não ter um respaldo popular, atendia aos interesses dos estudantes, entre outras atividades, com o agravante:

Se a imagem da biblioteca era de lugar de castigo e de punição, o livro tinha uma imagem de instrumento de elitização por causa do custo. As pessoas colocavam os livros nas salas de visitas para demonstrar que tinham conhecimento e eram consideradas intelectuais. Ter livros era sinônimo de ter poder e conhecimento. O livro era para ser preservado, e não consumido. (SUAIDEN, 2000, p.55)

Com a falta de preparação de professores e dos próprios bibliotecários, a primeira impressão da biblioteca pública era moldada nas formas ensinadas na escola: “lugar de castigo e punição”. Em relação à colocação do livro como status, também fazia com que as camadas populares não fizessem parte desta prática, pois além de não possuir poder econômico para a aquisição de livros, o “pobre” só adquiria aquilo que poderia consumir. Suaiden (2000), ainda nos traz uma reflexão de outros autores onde o mal desempenho da biblioteca pública pudesse estar relacionado ao processo de colonização, livro e leitura como instrumento de dominação e a ditadura militar. No entanto, o autor supracitado diz que são saídas “com sentido” para justificar uma falta de preparação do profissional da informação.

No contexto da sociedade da informação, a biblioteca busca uma maior interação com a comunidade, proporcionando ao profissional da informação enfrentar as dificuldades de formação com o público leitor, por estar a parte dos interesses comunitários. Seu posicionamento como atuante na continuidade do aprendizado formal e informal ganha novos processos. Corroborando com as colocações de Suaiden (1995) a biblioteca pública é a única instituição que tem características de uma instituição social, é aberta a todos e, portanto possui grande diversidade de perfis de usuários. Nas palavras do próprio autor: “É um centro de educação permanente da pessoa.”

A Fundação Biblioteca Nacional, publicou em 2000, a obra: “Biblioteca Pública: princípios e diretrizes” onde é citada a ferramenta “*marketing* em bibliotecas públicas” que vem sendo utilizada pelas bibliotecas para a divulgação dos serviços da biblioteca e dos bibliotecários através das ações de: identificação do público-alvo, imagem da biblioteca, divulgação de serviços, relacionamento com o governo local e relacionamento com as escolas. Outro ponto importante citado em tal documento são os “serviços de extensão” onde é no serviço de ação cultural que estão previstas as apresentações de artistas e grupos de artistas locais:

Promover a apresentação de artistas locais é uma atividade importante para a biblioteca, pois divulga e valoriza corais, bandas de música, grupos cênicos e manifestações da nossa rica cultura popular (exemplos: repentistas, cateretê, bumba-meu-boi, danças folclóricas regionais). (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2000, p. 101)

A utilização da música para a integração com a comunidade é algo denso, ela trabalha com a cultura produzida pela própria comunidade, com a mensagem e com a emoção, fazendo com que a biblioteca passe a representar também a identidade cultural daquele local. A biblioteca assume a responsabilidade de reproduzir a imagem local de seus hábitos de leitura, de acesso à informação e de lazer produtivo.

Tais práticas atribuem novos conhecimentos ao profissional da informação. Como afirma Cunha (2003) os bibliotecários necessitam de “sólida cultura geral e domínio do uso das atuais tecnologias da informação” para realizar de forma plena os serviços que a biblioteca do século XXI precisa oferecer. Neste sentido, o bibliotecário não necessita de conhecimento em música para oferecer este serviço de ação cultural. O conhecimento prático não, porém deve ter conhecimento dos diferentes tipos de música, contexto histórico e dos gostos musicais e da própria produção musical da comunidade onde a biblioteca está inserida. A mídia² é o principal veículo de elementos culturais e a música é um acesso popular aos registros de informação, nos dias de hoje. (DOWNING, 2002)

A fim de delimitar o tema de estudo, utilizaremos como exemplo os três tipos de usuários apresentados por Cotta (1998) que buscam por música em bibliotecas: O primeiro citado pelo autor, o que participa do nosso objeto de análise, é aquele que busca a música como lazer; o segundo é aquele onde a música é sua atividade profissional “necessitando de informações mais detalhadas sobre as obras”; o terceiro é o que utiliza a música como objeto de pesquisa.

Como não nos aprofundaremos na representação bibliográfica do material sonoro, a especialização técnica do bibliotecário neste caso não é primordial, porém seu conhecimento cultural e social é relevante, bem como sua sensibilidade para tratar esta ferramenta.

² Mídia é uma expressão para designar qualquer suporte de comunicação, tanto no formato analógico (radio, jornais, revistas), como no formato digital (tv, computador, internet). São meios voltados para as massas e buscam estratégias. Segundo Lupetti (2001) “[...] a função do mídia é propor caminhos para que a mensagem chegue ao público-alvo. Para propor tais caminhos, a mídia procura identificar meios e veículos de comunicação que atinjam o público na quantidade e na qualidade exigidas pelo anunciante”.

6 CULTURA, INFORMAÇÃO E MÚSICA: UMA ANÁLISE DA INSERÇÃO DO SOM NAS BIBLIOTECAS PARQUE

Existem as mais variadas definições para cultura por se tratar de um tema muito complexo. Neste capítulo, abordaremos o tema segundo os pensadores Pierre Bourdieu e Clifford Geertz para posteriormente discorrer sobre música e analisar os projetos realizados em bibliotecas públicas do Rio de Janeiro.

Para Bourdieu (1987), a cultura explica-se a partir do diálogo de estrutura, *habitus* e práticas, onde as práticas são produtos da dialética entre *habitus* e uma estrutura. Para o autor “*habitus* é um operador, uma matriz de percepção e não uma identidade ou uma subjetividade fixa” (Bourdieu, 2002). São disposições construídas coletivamente e corporificadas pelo sujeito. Como matriz cultural predispõe o pessoal a uma escolha perante o coletivo, permitindo pensar o processo de formação das identidades sociais. Elucidando tais percepções, o autor ainda argumenta:

Sendo produto da história, o *habitus* é um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável (Bourdieu, 2002)

Portanto esse conceito não estipula uma escala de valores positivos ou negativos. O autor observa o campo cultural como um mercado de trocas simbólicas. No entanto o autor define como um “mercado de bens simbólicos”. Esse mercado funciona nos moldes da lei da oferta e da procura, de acordo com as camadas sociais existentes. Bourdieu (1987) considera os sistemas de pensamento de uma época como sendo frutos do seu sistema de ensino. Este, por sua vez, além de repetir o esquema de diferenciação social, acaba por afirmar o *status quo* da sociedade.

Falando sobre os modos de produção e percepção artísticos, ele relaciona-os com a estrutura social e o valor simbólico da arte em si. Por fim, retomando algumas questões, o autor mostra como o acesso à cultura está relacionado ao nível de educação do indivíduo. Com isso, aquele que possui mais escolaridade geralmente acumula maior capital cultural. Neste sentido, o autor vê o sistema de ensino como reprodutor da estrutura cultural e social, mantenedor das relações de força e das relações simbólicas entre as classes. Tais conceitos são importantes para entender o papel das bibliotecas públicas brasileiras, como eram antes de tornarem-se um local também de lazer.

Clifford Geertz (1978), numa tentativa de esclarecimento sistemático do próprio conceito de cultura em suas relações com o comportamento real de indivíduos e grupos, nos diz que é por meio do que chamamos de cultura que o homem adquiriu a capacidade de ser o construtor de sua própria história, desde a utilização de ferramentas, passando pelo convívio social, pela linguagem chegando a outras formas mais complexas de significar o fazer humano. Esse autor demonstra como o convívio entre povos foi tecendo uma teia de significados que foram ganhando densidade ao longo da história da humanidade, significados estes que, por sua vez, estão em constante processo de ressignificação. Ainda nessa linha de raciocínio, devemos lembrar que o ser humano não é visto, na perspectiva de Geertz (1978), de forma “estratigráfica”, na qual as relações entre os fatores biológico, psicológico social e cultural da vida humana estariam compostos de níveis superpostos aos inferiores e reforçando os que estão acima dele. Em outras palavras: a cultura transforma a sociedade na medida em que a sociedade e os processos históricos também a transformam.

Nesse sentido, a música insere-se nesse campo cultural onde “o leitor” é o músico que utiliza seu saber sobre o instrumento ou o cantor e transmite através de uma manifestação artística a mensagem contida na música para os ouvintes. Dessa forma, entendemos que para o agente é a leitura da partitura e o canto da letra e para o ouvinte a combinação de sons e ritmos. A consequência deste processo é a sensibilização do indivíduo pela arte. Segundo Keerman (1987) ela é a arte manifestada na combinação de sons. Composta por melodia, harmonia e ritmo. A música é um produto cultural quando consideramos que não é possível dissociar os aspectos culturais do indivíduo na sua produção musical.

É comum ao ouvir uma música perguntar-se: quem é o cantor, quem são os musicistas, sua origem e influência, o que diz a letra e por vezes identificar-se com a mesma fazendo dela uma forma de expressão. Em relação ao poder de transformação social da música, já na Grécia Antiga, ela tinha o poder de agir positivamente no caráter do indivíduo, proporcionando uma cultura de espírito, como descreve Fonterrada (2005) ao dizer que “para Platão e todos os gregos, a literatura, a música e a arte tem grande influência no caráter, e seu objetivo é imprimir ritmo e harmonia na temperança da alma”. Percorrendo o espaço-tempo, a música até hoje é vista como uma ferramenta de transmissão de valores, integração social e ampliação de conhecimento cultural pela

arte. Milanesi (2002) ainda nos traz a música como documento histórico e informação, como exemplo, cita Villa-Lobos que marcou com sua música o nacionalismo, configurando uma tendência musical e social.

Dessa forma, tendo em vista o conceito de mercado simbólico de Bourdieu (1987), e a música como um produto que se insere na dialética de Geertz (1978) entre cultura e sociedade, apresentaremos a seguir avaliar em que nível essas afirmações podem ser enxergadas nos projetos de música realizados nas bibliotecas públicas do Rio de Janeiro.

Os moldes da Biblioteca Parque brasileira foram baseados na Biblioteca Parque España, na região de Santo Domingo, uma das comunidades mais carentes na Colômbia. A proposta deste espaço é ser um local de acesso a informação através dos diversos formatos de suportes de informação: livro, computador, filme, cd etc. A característica marcante deste espaço é oferecer produção literária, cultural e artística.

Os projetos visitados foram os realizados na Biblioteca Parque de Manguinhos e na Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro. Num primeiro momento foram identificados os agentes deste projeto: na biblioteca de Manguinhos, a realização das apresentações musicais é proporcionada pelo projeto Escola Portátil de Música que utiliza o estilo musical choro para a formação musical, oferecendo aulas de violão, cavaquinho, pandeiro/percussão, flauta, clarinete, saxofone, bandolim, apreciação e teoria musical e prática de conjunto. Com o objetivo de disseminar o conhecimento musical crítico, através da linguagem do choro, o projeto realiza as aulas destes instrumentos na biblioteca, bem como apresentações mensais para a comunidade como vemos nas imagens:



Figuras 1 e 2 – Aula de saxofone e pandeiro na Biblioteca Parque de Manguinhos.

Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Biblioteca-Parque-de-Manguinhos>. Acesso em: 05 abr. 2014.

Tais fotografias mostram a utilização do espaço da biblioteca para as aulas de música. Uma relação visual de conhecimento, cultura e informação. A seguir, apresentaremos a imagem do evento mensal de roda de choro, composta principalmente por aprendizes e professores dos instrumentos musicais, mas é aberta a quem quiser levar seu instrumento, como mostra explicitado no convite ao evento. A atividade é aberta ao público e acontece numa área livre da biblioteca.

Percebemos que na Biblioteca Parque de Manguinhos, o projeto pretende intervir diretamente na comunidade a sua volta, levando o próprio espectador a torna-se agente no projeto realizado. A localização física da Biblioteca é significativa: de frente à principal praça de um conjunto de prédios que abrigam mais de 500 famílias.



Figura 3 – Cartaz-convite da Roda de Choro na Biblioteca Parque de Manguinhos.

Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Biblioteca-Parque-de-Manguinhos>. Acesso em: 05 abr. 2014.



Figura 4 – Roda de choro realizada no dia 04 de maio de 2014.

Na Biblioteca Parque Estadual, o projeto tem outro objetivo, ele acompanha a exposição temática da Biblioteca, com apresentações de cantores da música popular brasileira como: Adriana Calcanhotto, Miúcha e Toquinho, realizando os *shows* no teatro da biblioteca.



Figura 5 – 100 anos: Vinicius de Moraes.

Fonte:Disponível em: <https://www.facebook.com/bibliotecaparqueestadual>. Acesso em: 05 abr. 2014.

Além de ter um local próprio para a realização das apresentações musicais, na Biblioteca Parque Estadual, o acesso a estas apresentações no teatro é por meio de senhas, porém todas as apresentações são reproduzidas no salão principal por uma tela para que todos possam assistir. O ponto de encontro nesses projetos é a predominância do mesmo estilo musical: a música popular brasileira, porém com públicos diferentes, onde o choro é considerado por Heitor Villa Lobos como “a alma musical do povo brasileiro” e a Bossa Nova um estilo “tipo exportação”. Entretanto há a pretensão de restringir as apresentações a este estilo musical, como dito pelas bibliotecárias das bibliotecas.

Com efeito, não há nestes casos uma escala de valores positivos e negativos, como o colocado por Bourdieu (1987) e nem a exclusão de uma relação dialética entre esses projetos por terem como base o mesmo tipo de serviço, o de uma Biblioteca Parque. O que identificamos é a presença de identidades culturais diversificadas, pois não há um

padrão concreto de vivência de cultura entre as Bibliotecas Parque e sim como uma troca entre os usuários e a biblioteca.

Somos levados a observar nesta análise, características do *marketing* cultural feito pelas bibliotecas, onde as utilizações destes projetos de música podem representar uma forma de atrair de público, onde o usuário é visto como consumidor:

“[...] para a adoção do marketing evidenciam a constante necessidade de incutir o verdadeiro profissionalismo naqueles que trabalham em unidades de informação, reconhecendo a importância da informação como insumo básico das atividades desenvolvidas, sem descuidar da prioridade que deve ser dada ao usuário como consumidor dos produtos e serviços oferecidos por essas organizações”. (AMARAL, 1996, p.4)

Como elucida o autor, o alerta é para o conhecimento dos conceitos de mercado e a adaptação aos usuários da biblioteca Para a realização de *marketing*, é necessário identificar os anseios do cliente e as oportunidades de mercado a fim de oferecer produtos e serviços adequados aos dois fatores – usuário e mercado (Brant, 2001). Como exemplo deste tipo de marketing, podemos apresentar a propaganda da Biblioteca Parque Estadual:



Figura 6 – *Tem tudo até livro.*

Fonte:. Disponível em: <https://www.facebook.com/bibliotecaparqueestadual>. Acesso em: 05 abr. 2014

O modelo “Biblioteca-Parque” tem como proposta inicial oferecer este tipo de espaço para o público, apresentando diversidade de suportes informacionais e múltiplos espaços para as atividades da biblioteca. É comum, por exemplo, encontrar cinemateca e teatros no espaço interno destas construções.

7 CONSIDERAÇÕES

No decorrer deste trabalho vimos os conceitos que falam do ambiente (biblioteca), do instrumento (música) e sua produção (cultura). Abordamos a evolução das bibliotecas e como elas acompanharam as transformações culturais que aconteceram externamente. Verificamos as especificidades que fazem da música, documento viável neste novo ambiente da biblioteca, como a narrativa que une o texto e o contexto com seus signos característicos e provoca a interação do usuário.

Os projetos de música em bibliotecas podem ser considerados como parte de uma estratégia de *marketing* cultural, uma vez que é uma atividade de atração de público por oferecer uma atividade diferenciada utilizando agentes diferentes (músicos e instrumentos musicais) e gostos musicais que satisfazem a comunidade. À Luz dos conceitos de Bourdieu, podemos interpretar as escolhas de temática, e forma dos projetos, como resultantes de demandas culturais específicas relacionadas com contextos específicos como localização da biblioteca e perfil sócio cultural dos usuários.

Enquanto a Biblioteca Parque Estadual está localizada no Centro cultural e financeiro da cidade do Rio de Janeiro a Biblioteca de Manguinhos está localizada em uma comunidade com poucos recursos financeiros. Esses dados influenciam diretamente na escolha do Marketing – que visa conquistar usuários fixos – e no conteúdo dos projetos cujos estilos podem ser modificados posteriormente, uma vez que estas não são escolhas fixas. O público da Biblioteca Parque Estadual é convidado com espectador enquanto na de Manguinhos como agente. Os projetos podem ser parte de uma troca simbólica, uma vez que são produzidos, circulados e consumidos. A música é percebida como uma mercadoria de troca cultural que intervém no modo social. Vemos isso principalmente no projeto da Biblioteca de Manguinhos, onde a própria comunidade aprende a manusear os instrumentos musicais e participar dos projetos não só como ouvinte, mas também como agente. De certo, todo esse diálogo é terreno rico para observações e análises mais profunda.

Seguindo a perspectiva Geertz (1978) em que a cultura transforma a sociedade na medida em que a sociedade e os processos históricos também a transformam, podemos chegar à conclusão de que a música pode ser considerada um uma forma de realização

da ação cultural na biblioteca, ampliando a dimensão política, social e transformando, deste modo, a biblioteca do século XXI em um instrumento de natureza educativa, emocional, recreativa ou social.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Sueli Angélica. **Marketing e desafio profissional em unidades de informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 25, n. 3, 1996.
- ARAUJO, Andre Vieira de Freitas . **Dos livros e da leitura no Claustro**: elementos de história monástica, de história cultural e de bibliografia histórica para estudo da Biblioteca-Livraria do Mosteiro de São Bento de São Paulo (Sécs. XVI-XVIII).. 2008.
- BATTLES, M.. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BRANT, Leonardo. Cultura como negócio. In: _____. **Mercado cultural**: panorama crítico e guia prático para gestão e captação de recursos. São Paulo: Escrituras, 2001. Cap. 1, p. 39-55.
- BOURDIEU Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **Entrevistado por Maria Andréa de Loyola**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.
- BUONOCORE, Domingo. **Diccionario de bibliotecología**. 2. ed. Buenos Aires, Marymar, 1976.
- COELHO NETO, J.T. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988
- COTTA, André Guerra. Música. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Orgs.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte? Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998
- COTTA, André Guerra. Novas considerações sobre o acesso ao Patrimônio Musical no Brasil. **Liinc em Revista**, v.7, n.2, setembro, Rio de Janeiro, p. 466-484, 2011.
- CUNHA, Newton. **Cultura e ação cultural – uma contribuição à sua história e conceitos**. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.
- DOWNING, John D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2002.
- DINIZ, André. **Almanaque do choro**: a história do chorinho, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Zahar, 2003.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios**: um ensaio sobre música e educação. São Paulo: UNESP, 2005.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Biblioteca Pública**: princípios e diretrizes. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2000. 160 p. Disponível em: <http://consorcio.bn.br/consorcio/manuais/manualsnbp/ArquivoFinal28_08.pdf> Acesso em: 02 de abril 2014.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LUPETTI, Marcélia. **Planejamento de comunicação**. São Paulo, Futura, 2001.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MELO, Nadja Nara Miranda Magalhães et al. **A importância da música para o desenvolvimento da criança de educação infantil**. 2009. Disponível em: <<http://upedagogas.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KERMAN, Joseph. **Musicologia**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1987.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010. (Série Didáticos nº1).

SANT'ANNA, Márcia (2001). Patrimônio Imaterial: do conceito ao problema da proteção. In: **Patrimônio Imaterial. Rio de Janeiro**: ORDECC, pp.151-162 (REVISTA TEMPO BRASILEIRO Nº 147 - 2001).

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. Bibliotecário da área de música. In: **Bibliotecários Especialistas**: guia de especialidades e recursos informacionais. Brasília: Thesaurus, 2005. p. 133-145.

SEVERINO, Thiago Sveda ; OLIVEIRA, Priscila Felix de . O teatro e a música como auxílio no ato de leitura.. In: Congresso Nacional de Linguagens em Interação, 2006, Maringá. **Anais ... Congresso Nacional de Linguagens em Interação**. Maringá: TAC multimídia, 2006. v. 001.

SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca pública brasileira**: desempenho e perspectivas. São Paulo: Lisa, 1980. 84p.

SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo : Global, 1995. 112 p

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ci.Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52 – 60, maio/ ago. 2000.

TARGINO, Maria Das Graças. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas?. **Inf. & Soc.:est.**, João Pessoa, v. 20, n. 1, p.39-48, 2010.